

A jóia cintilante da auto-estima é um dom de Deus que toda criança merece

Lágrimas de esperança

NANCY SULLIVAN GENG



NAQUELE DIA minha amiga Lauri e eu tínhamos levado nossos filhos ao parque para festejar meus 35 anos. Da mesa de piquenique ficamos a olhá-los, rindo e saltando enquanto tirávamos a comida da cesta cheia de sanduíches e biscoitos.

Brindamos nossa amizade com garrafas de água mineral. Foi aí que notei os novos brincos de Lauri.

Nos treze anos em que conheci Lauri, ela sempre adorara brincos de pingentes. Eu a vira usar pares e mais pares: espirais de cristal azul, fios de gemas coloridas, pérolas rosa-claro.

“Há um motivo para eu gostar de pingentes”, contou Lauri. Ela começou a revelar imagens da infância que a tinham mudado para sempre, uma história sobre a verdade e seu poder de transformação.

Era um dia de primavera. Lauri estava na sexta série. A sala de aula encontrava-se decorada alegremente. Comemorando a Festa da Primavera, havia cestas amarelas penduradas em varais acima das carteiras, *hamsters* em gaiolas movendo-se entre jornais picados, e cravos-de-defunto curvados nos parapeitos das janelas.

A professora – a senhora Lake – estava diante da turma, o cabelo castanho-avermelhado caindo pelos ombros, os bondosos olhos azuis brilhando. Mas eram os pingentes que mais encantavam Lauri – cordões dourados em forma de gota enfeitados com pérolas. “Mesmo de meu lugar na fila de trás eu via aqueles brincos reluzindo ao sol”, recorda Lauri.

A senhora Lake lembrou à turma que aquele era o dia destinado às reuniões do final do período letivo. Tanto os alunos como os pais participariam de importantes exames do aproveitamento das crianças. No quadro-negro uma tabela em ordem alfabética destinava 20 minutos a cada família.

O nome de Lauri estava no final da lista. Mas isso não tinha muita importância. Apesar da carta enviada à sua casa lembrando da reunião, além dos telefonemas da professora, Lauri sabia que os pais não viriam.

O pai de Lauri era alcoólatra e naquele ano seu vício aumentara. Muitas noites Lauri adormecia ouvindo a voz alta do pai, os soluços da mãe, o bater de portas e o ruído dos quadros batendo na parede.

No Natal anterior, Lauri e a irmã tinham economizado o dinheiro que ganharam trabalhando como babá a fim

de comprar um estojo de engraxar sapatos para o pai. Elas o haviam embrulhado em papel verde e vermelho, enfeitado com um laço de fita dourada. Quando deram o presente na véspera de Natal, Lauri ficou olhando, calada, enquanto o pai o lançava longe, quebrando-o em três pedaços.

Lauri passou o dia todo olhando enquanto cada criança era levada até a porta que dava para o corredor, onde os pais recebiam os filhos com sorrisos de orgulho, tapinhas nas costas e às vezes até abraços. A porta era fechada e Lauri procurava se distrair com os deveres. No entanto, não podia deixar de ouvir as vozes abafadas quando os pais faziam perguntas, as crianças davam risos nervosos e a senhora Lake falava. Lauri imaginava como seria se os pais a cumprimentassem.

Quando todos os outros nomes tinham sido chamados, a senhora Lake abriu a porta e acenou para Lauri. Calada, ela foi para o corredor. Sentou-se numa cadeira dobrável, à frente de uma escrivaninha cheia de fichários e trabalhos dos alunos. Curiosa, ficou olhando enquanto a senhora Lake examinava os fichários, sorrindo.

Constrangida pelo fato de os pais não terem comparecido, Lauri cruzou as mãos e olhou para o chão. Levando a cadeira para junto da garota abatida, a senhora Lake suspendeu o queixo de Lauri para poder olhá-la nos olhos.

– Em primeiro lugar – disse a professora – quero que saiba quanto gosto de você.

Lauri levantou os olhos. No rosto da senhora Lake viu o que raramente observara: compaixão, empatia, ternura.

– Em segundo lugar – continuou a professora – você precisa saber que não tem culpa por seus pais não estarem presentes.

Novamente Lauri olhou para o rosto da senhora Lake. Ninguém jamais falara assim com ela. Ninguém.

– Em terceiro lugar, você merece uma reunião, quer seus pais estejam aqui ou não. Tem o direito de saber o seu aproveitamento e que eu a acho maravilhosa.

Nos minutos seguintes a senhora Lake realizou uma reunião só para Lauri. Mostrou-lhe suas notas. Passou os olhos pelos trabalhos e projetos da menina, elogiando-lhe o esforço e confirmando seus pontos fortes. Tinha até guardado uma pilha de aquarelas que Lauri pintara.

A garota não sabia exatamente quando, mas em algum momento naquela reunião ouviu a voz da esperança em seu coração. E em algum lugar começou a transformação.

Enquanto as lágrimas enchiam os olhos de Lauri, o rosto da senhora Lake ia ficando turvo e indistinto – a não ser pelos pingentes de espirais douradas e pérolas. Antes intrusas irritantes em conchas de ostras, as pérolas tinham se transformado em belos enfeites.

Foi então que Lauri percebeu, pela primeira vez na vida, que era digna de ser amada.

SENTADA NA GRAMA num silêncio reconfortante, pensei em todas as ocasiões em que Lauri usará os pingentes da verdade.

Também fui criada com um pai alcoólatra e durante anos enterrei minhas histórias da infância, até que Lauri me encontrara num simbólico corredor de empatia. Lá, ela me ajudou a ver que a jóia cintilante da auto-estima é dádiva de Deus que todos merecem. Mostrou-me que mesmo na vida adulta não é tarde demais para usar os reluzentes diamantes do amor próprio recém-descoberto.

Nesse momento as crianças correram até nós e se atiraram na grama, dramatizando sua fome. Passamos o resto da tarde limpando leite derramado, elogiando cambalhotas desequilibradas e deslizando em escorregas muito pequenos para nós.

No meio daquilo, Lauri me entregou uma caixinha, um presente de aniversário embrulhado em papel vermelho florido, enfeitado com um laço dourado.

Eu o abri. Dentro havia um par de brincos pingentes.



Ordem é ordem

DEPOIS DE TOCAR A SINETA, a professora esperou pacientemente que os alunos se acalmassem. No entanto, os sussurros continuavam e um garotinho não parava de falar. Finalmente, a professora, desesperada, disse:

– Johnny, você está querendo dar a aula por terminada?

Espantado, mas todo contente, ele anunciou, solenemente:

– Podem sair!

Olive E. Knisley, Canadá